



CÂMARA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS

Arquivo Público Vereador Ivan José Lopes

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA DE MONTES CLAROS

FLASH

2416

Presidente da Mesa Diretora: José Nardel Alves de Almeida

Espécie: Projeto de lei

Categoria: Denominação de vias públicas, centros comunitários, centros de convívio, alas oftalmológicas, salas, etc

Autoria: José Maria Francisco de Oliveira

Data: 19/04/1983

Descrição Sumária: PROJETO DE LEI Nº 09/83. Denomina a "Avenida Aminthas Jacques de Moraes", localizada no bairro Jardim Eldorado. (Referente à Lei nº 1.408, de 13/05/1983).

Controle Interno – Caixa: 08

Posição: 04

Número de folhas: 18

Espécie: PL
Categoria: Denominação
Lx: 08
Ordem: 04
nº fls: 16

LEI Nº 1.408, DE 13.05.83

Câmara Municipal de Montes Claros

PROJETO-LEI Nº

09/83

Autor: Vereador José Maria Francisco de Oliveira

Assunto:-

Denominando avenida Aminthas Jacques de Moraes a via pública que, partindo do final da Av. João XXIII, em direção da Mat. Sulfur, demanda até a linha que delimita o perímetro urbano desta cidade

Caixa

MOVIMENTO

- 1 Recebido em 19.04.83
 - 2 À Com. de Legislação e Justiça em 19.04.83
 - 3 Arquivado em 26.4.83
 - 4 Aprovado em 1ª D- 26.4.83
 - 5 À Com. de Denominações de
 - 6 Vias Públicas - 26.4.83
 - 7 Aprovado em 2ª D- 03.05.83
 - 8 À Com. de Redação - 03.05.83
 - 9 Aprovado em 3ª D- 10.05.83
 - 10 À Câmara - 10.05.83
- Arquivar-se -



Câmara Municipal de Montes Claros

PROJETO-LEI Nº _____

Denomina via pública nesta cidade

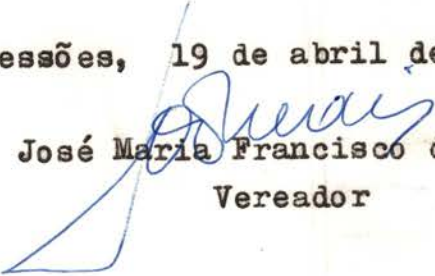
A Câmara Municipal de Montes Claros (MG) decreta e eu sanciono a seguinte Lei :-

Artigo 1º - :Passa a denominar-se Avenida 'Aminthas Jacques de Moraes' a via pública que, partindo do 'final da Avenida João XXIII, em direção à MATSULFUR, demanda até a linha que delimita o perímetro urbano desta cidade.

Artigo 2º - Revogadas as disposições em contrário, esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Mandamos, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta Lei pertencerem, que a cumpram e a façam cumprir tão inteiramente como nela se contém e declara.

Sala das sessões, 19 de abril de 1983.


José Maria Francisco de Oliveira
Vereador

JUSTIFICATIVA

Através da presente proposição de lei, buscamos homenagear, por justiça e merecimento, um dos mais ilustres cidadãos que realmente teve uma participação ativa em favor do desenvolvimento desta cidade e desta região. Empresário de ampla visão, raro dinamismo, personalidade conhecida e respeitada a nível nacional, o Dr. Aminthas Jaques de Moraes, mineiro de 'Jaguarassú, nasceu a 02 de julho de 1898 e faleceu a 04 de setembro de 1977. Participou de inúmeros e grandes empreendimentos em Minas Gerais e outros Estados da nossa Federação, tendo sido o primeiro Presidente da AÇOMINAS. Foi um dos grandes batalhadores pela ligação rodoviária do norte de Minas com Brasília, através da BR-479. Na vizinha cidade de Januária fundou a Minas Pastoril, interessando-se inclusive pela exploração de prata naquela região. Em decorrência de sua larga visão, foi um defensor do sistema de captação do Rio VerdeGrande



Câmara Municipal de Montes Claros

como solução para o abastecimento de água a Montes Claros, ao tempo em que ainda esse serviço era prestado pela CAEMC. Fundador da Companhia de Materiais Sulfurosos Matsulfur, hoje uma das grandes e mais sólidas empresas do nosso Estado, gerando recursos para o nosso Município e absorvendo mão de obra desta cidade e de toda esta região. Por essas e outras razões e por reconhecermos na pessoa do ilustre e saudoso empresário, cidadão digno do nosso respeito, apreço e profunda gratidão é que pretendemos vincular o seu nome a uma via pública de nossa cidade, na certeza de que encontraremos na sensibilidade dos nossos pares o apoio necessário à aprovação desta nossa proposição.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS
APROVADO EM 2ª DISCUSSÃO POR
unanimidade do Plenário
EM 03 DE maio DE 1983
[Assinatura]
PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS
A COMISSÃO DE *Redação*
EM 03 DE maio DE 1983
[Assinatura]
PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS
APROVADO EM 3ª DISCUSSÃO POR
EM 10 DE maio DE 1983
[Assinatura]
PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS
A SANÇÃO.
Em 10 de maio de 1983
[Assinatura]
PRESIDENTE

A redação da referida matéria está em consonância com os dispositivos legais

M. Claros, 9/5/83

[Assinatura]
[Assinatura]

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS
A COMISSÃO DE *Segurança*
 EM *17* DE *abril* DE 19*83*

 PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS
A COMISSÃO DE *Suprimento*
de Bens Públicos
 EM *16* DE *abril* DE 19*83*

 PRESIDENTE

O projeto é legal e
 Constitucional, portanto
 opinamos pela sua a-
 provação.

M. Claros 25/abr/1983

Henrique
[assinatura]

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS
APROVADO EM *re* **-DISCUSSÃO POR**
unanimidade dos presentes
 EM *26* DE *abril* DE 19*83*

 PRESIDENTE

Homemagem justa e merecida
 portanto opino pela sua
 aprovação.

M. Claros, 27/Abril/83

Sobrinho Juliano Silva

Barney Turvey
de São



AMINTHAS JACQUES DE MORAES

...CONTEMPORÂNEO DO AMANHÃ...

"AURELIANO CHAVES"

AMINTHAS JACQUES DE MORAES

Data Nascimento: 02 de julho de 1898

Filiação : José Luciano Coelho de Moraes, Tenente Farmacêutico do Exército Brasileiro e depois fazendeiro em Jaguarassú,
e Felisberta Jacques de Moraes

Local Nascimento: Fazenda do Grama, em Jaguarassú-MG.

Graduado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1927, tendo estudado os primeiros três anos na Escola de Minas em Ouro Preto.

Órfão aos treze anos com dificuldade e muita disposição custeou seus estudos lecionando aulas particulares, trabalhando em Topografia, e como Auxiliar Técnico da Inspetoria de Obras Contra as Secas.

Fundou com seus cunhados Alberto Woods Soares e Antonio Faria Ribeiro a ASAMAR (nome formado com as iniciais dos nomes dos três engenheiros), empresa construtora que mais tarde se transformaria na Cia. Serviços de Engenharia - SERVIENGE.

Permaneceu na Presidência da SERVIENGE até 1970, e ao longo de 40 anos participou das principais obras de engenharia do país.

Tendo como base a SERVIENGE e através de outras associações percorreu o Brasil inteiro deixando em toda parte a marca de sua presença e do seu espírito de iniciativa. Como empreendedor suas atividades foram tantas que sua história se confunde com a história da indústria nacional.

Em Goiás fundou a Cia. Níquel Tocantins e a Cia. de Cimento Brasília.

No território do Amapá orientou o então governador Janary Nunes na exploração das jazidas de manganês e conseguiu junto ao Banco da Lavoura apoio financeiro ao Dr. Augusto Trajano Azevedo Antunes, para que iniciasse as atividades da ICOMI.

Em Pernambuco foi um dos pioneiros na extração de Gesso nos municípios de Ouricuri e Bodocó.

Na Bahia iniciou a exploração de magnesita do Curral das Éguas, tendo mais tarde em acordo com a MAGNESITA entrado com esse ativo para compor o capital da empresa.

Em Minas Gerais coordenou a mobilização e instalação das seguintes empresas:

- Companhia Brasileira de Mineração e Siderúrgica - primeira empresa brasileira a exportar minério nos fins da década de 30. Esta empresa seria mais tarde encampada pelo Governo Getúlio Vargas através do Decreto Lei nº 4.352 de 01.6.42, transformando-se na Cia. Vale do Rio Doce sem qualquer benefício aos seus originais fundadores.
- Aços Especiais Itabira - ACESITA, aonde atuou como Presidente e Presidente do Conselho Fiscal por vários anos. Doou em 01.3.45 a concessão de lavra que tinha das minas de Itabira a ACESITA conforme escritura pública lavrada no Cartório do 2º Ofício de Notas do Rio de Janeiro e decretos nºs 15.644 e 15.645 de 24.5.44, e 19.708 e 19.709 de 3.10.45.
- Mineração e Usina Wigg (juntamente com o Dr. Magalhães Pinto)
- Companhia Mineira de Metais, que explora o zinco de Vazantes com instalação industrial em Tres Marias.
- Engenheiros Consultores Metminas S/A.
- Foi Diretor da Companhia Estrada de Ferro Vitória - Minas.
- Foi Diretor do Banco da Lavoura (hoje Banco Real), tendo ocupado a Presidência do Conselho Geral.
- Foi diretor da Companhia Real de Comércio Exterior, a convite especial do Dr. Aloysio de Andrade Faria, Presidente do Grupo Real.
- Foi o primeiro Presidente da Açominas S/A. e durante alguns anos aceitou o cargo com a condição de não receber um centavo ao menos pelos serviços prestados que foram grandes e muitos.
- Foi um dos idealizadores e planificadores da USIMINAS.
- Doou a Cia. Siderúrgica Belgo Mineira as minas de Alegria e Morro Agudo através de ato de transferência por escritura pública. As minas de Alegria vieram a ser base da SAMITRI, - empresa de mineração ligada a Belgo Mineira.

Mais especificamente com relação ao Norte de Minas, também aqui deixou suas marcas de homem incansável e de grande visão.

Fundou a Cia. Materiais Sulfurosos Matsulfur (Cimento Montes Claros) que hoje coloca Montes Claros como o 2º maior produtor de cimento do Brasil.

Interessou-se profundamente por Januária aonde comprou terras e fundou a MINAS PASTORIL, empresa ligada a agro-pecuária.

Estudou por vários anos as possibilidades da exploração de prata também em Januária, o que mais tarde se revelou inviável.

Lutou para conseguir a ligação do Norte de Minas com Brasília através da BR-479 (Brasília-Januária). Sob suas expensas mandou estudar a ligação ferroviária do Norte de Minas com o litoral, de Janaúba até Porto Seguro-BA.

Acompanhou de perto a instalação da Hidrelétrica de Pandeiros em Januária.

Sempre defendeu a construção do sistema de abastecimento de água de Montes Claros através do Rio Verde Grande, como a solução definitiva para o problema de água da cidade, isto muito tempo antes da existência da COPASA.

Apesar de toda sua genialidade sempre foi um homem simples e como raros ele soube praticar a religião da bondade para com o próximo. Sentia o mal alheio como o próprio. Gostava mesmo de promover a felicidade dos outros. Agradava-lhe oferecer-se. Fazendo favores nada pedia. Foi um modelo de discrição e de reserva.

Mas, acima de tudo isto a maior e melhor de todas suas obras, a sua obra-prima é a sua família.

Juntamente com D.Albertina Soares de Moraes, mulher forte, corajosa, fiel e dedicada companheira, fundou e presidiu um lar em que todas as virtudes domésticas e sociais, cívicas e religiosas estão frutificando nos seus oito filhos e trinta e um netos.

Falecido em 04 de setembro de 1977, deixou um exemplo de vida. Simples, incansável, perseverante e uma incrível capacidade de antever o futuro, dom só mesmo presente nos grandes empreendedores.

CURRICULUM VITAE

NOME: Amynthas Jacques de Moraes
DATA DO NASCIMENTO: 02 de julho de 1898
FILIAÇÃO: José Luciano Coelho de Moraes e Felisberta Jacques de Moraes, ambos falecidos. Ele, Ten. Farmacêutico do Exército Brasileiro e depois fazendeiro em Jaguarassú, em Itabira, Minas Gerais.
LOCAL DE NASCIMENTO: Fazenda do Grama, em Jaguarassú, Estado de Minas Gerais.
ENDEREÇO: Rua Gomes Carneiro, 55 apt. 1101 - Ipanema - Rio de Janeiro-RJ.
ESTADO CIVIL: Casado, em regime de comunhão de bens.
NOME DO CONJUGE: Albertina Soares de Moraes.
Nº DE FILHOS: 08 (OITO).

Estudou engenharia, sendo os primeiros três anos na Escola de Minas de Ouro Preto. Tomou parte na Comissão de Estudos dos Açudes de Orós e do Poço dos Páus, no Ceará, como auxiliar técnico da então Inspetoria de Obras Contra as Secas, em duas temporadas, a primeira no Governo Epitácio Pessoa.

Graduado em Engenharia Civil, pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, turma de 1927.

Empreiteiro da Estrada de Ferro Leopoldina, e do Estado de Minas Gerais.

Fundou, com os seus associados Alberto Woods Soares e Antônio Faria Ribeiro, a Companhia Serviços de Engenharia - SERVIENGE, ocupando a sua Presidência, e, em companhia dos dois, desenvolveu-se a empresa, que passou a liderar; e serviu de base a SERVIENGE para organização de outras empresas, então necessárias ao Brasil. Para os empreendimentos criados daí por diante, usou com a SERVIENGE outros associados. Permaneceu na Presidência da SERVIENGE até 06 de julho de 1970.

Fundou a Companhia Níquel Tocantins, de Niquelândia, Goiás, no começo da 2a. Grande Guerra Mundial, com a SERVIENGE, e outros amigos como José de Magalhães Pinto, Virgílio de Mello Franco, João Vieira de Macedo, Clemente Faria e outros.

Como Presidente da Companhia Níquel Tocantins, detentora das minas de níquel de Niquelândia, fundou, com o Grupo José Ermírio de Moraes, a Companhia Mineira de Metais - COMIDEMET, em Belo Hori -

zonte, que passou a ser depois a concessionária das minas de zinco de Vazantes, em Minas Gerais. Por essa ocasião, o Grupo Votorantim já exercera o comando acionário destas empresas - a CONIQUEL e a COMIDEMET, das quais é hoje quase que o dono exclusivo.

Foi Diretor da Companhia Estrada de Ferro Vitória a Minas, com o Senador Ribeiro Junqueira, A. de Oliveira Castro, Francisco F. Pereira e outros.

Incorporador e Diretor da Cia. Itabira de Mineração - CITABIRAN. Fundador da Minas Pastoril - MIPASTOR, de Januária - Minas Gerais e seu presidente.

Fundador e Presidente da Engenheiros Consultores Metminas S/A.

Foi Diretor do Banco da Lavoura de Minas Gerais, fundado e incorporado por Clemente Faria, com o Dr. Hugo Werneck e outros amigos. A Diretoria era constituída de José Bernardino Alves Júnior, Clemente Faria e Francisco Moreira.

Por ocasião do infausto falecimento de Dr. Clemente Faria, passou a ocupar Amyntas Jacques de Moraes, a Presidência do Conselho Geral e a Diretoria passou a ser constituída de José Bernardino Alves Júnior, Aloysio de Andrade Faria e José Heilbuth Gonçalves e Miguel Maurício da Rocha.

EXPORTAÇÃO DE MINÉRIO DE FERRO - Com a SERVIENGE, em fins da década de 1930, empreendeu a exportação de minério de ferro de um dos contrafortes da Serra do Curral, em Belo Horizonte; e do Vale do Paraopeba, jazida de Jangada, Sarzedo; - para a Europa e para os Estados Unidos.

Presidente do Sindicato de Minérios e Metais Básicos do qual foi fundador com Carlos Sylla, Ricardo Jaffet, Augusto de Azevedo Antunes, Jorge Chamas e outros.

Antes da existência da Companhia Vale do Rio Doce, iniciou a exportação da hematita de Itabira, improvisando, para tal, transporte, em caminhões até a Estação de Desembargador Drumond - E.F. Vitória a Minas (cerca de 42km) adaptando, para isso, uma estrada carroçável, serviços que exigiram variantes e encascalhamento custosos, a curto prazo, num esforço inaudito;urgia dar prova da viabilidade do minério alcançar o Porto de Vitória para crédito

à operação. Mesmo sem instalações adequadas do porto, conseguiram-se mandar os primeiros navios de hematita do Cauê para os Estados Unidos e para a Europa, com esforço e boa vontade do Engenheiro Ribeiro Martins, Chefe do Porto. É ressaltada a ajuda extraordinária daquele competente engenheiro em honra à sua memória, porque conseguiu fazer embarques de minério de ferro num porto que não se achava aparelhado para tal serviço - quando os embarques eram essenciais para crédito do empreendimento.

Depois desta campanha que exigiu esforços e luta como se fosse de verdadeira economia de guerra, conseguiu, além de outros para o mercado Europeu, um contrato de venda, em Filadélfia, Penna., de 500.000 ton. com a Bethlehem Steel Co., que se propoz a fornecer adiantadamente, 4 locomotivas, 2.000 ton. de trilhos e 25 vagões, elementos que só chegaram quando entrara em operação a Cia. Vale do Rio Doce. Conseguiu-se depois, num entendimento com a Companhia E.F. Vitória a Minas e o Governo do Estado do Espírito Santo, meio para construir o primeiro embarcadouro de minério, mecanizado, em Vitória que funcionou até a operação do moderno terminal marítimo de Tubarão.

Também assumiu-se o compromisso do prolongamento da estrada de ferro da ponta dos trilhos em D.Drumond até o embarcadouro em Itabira.

A exportação continuava vencendo todos os obstáculos, para a construção do prolongamento da ferrovia.

Decidiu-se fundar, para tal, uma nova companhia associada: A Companhia Melhoramentos Ferroviários, resultante de uma associação da SERVIENGE com os irmãos Lemos Rache, liderados pelo engº Athos de Lemos Rache. E a luta continuava, num esforço e com uma coragem, diziam, de doido! até conseguir-se um pequeno financiamento auxiliar do Banco da Lavoura de Minas Gerais.

O ESFORÇO DE GUERRA, na verdade, exigia mais rapidez na produção.

Veiu, após o recebimento dos primeiros navios de minério, entender-se com Aynthas Jacques de Moraes e com a Companhia Brasileira de Mineração e Siderurgia, o Presidente do Export & Import Bank, Mr. Warren Pierson e o Dir. Marryweather, da Bethlehem Steel Co., com o propósito de se associar ao Grupo brasileiro.

Da impossibilidade de uma sociedade com 51% de Americanos (U.S.) (exigência usual àquele tempo), em face do nosso Código de Minas, Amyntas Jacques de Moraes levou-os ao Ministro Souza Costa que tratou do assunto com o Presidente Getúlio Vargas.

Resultou o Presidente Vargas incumbindo o Sr. Valentim Boças de preparar o Decreto-lei que fundou a atual Companhia Vale do Rio Doce, com dispositivo expresso de pagar sete mil ações aos detentores da Cia. Brasileira de Mineração e Siderurgia (3,5%) do Capital original, obrigação que vergonhosamente, até hoje não foi cumprida (Decreto-lei nº 4.352, de 01 de junho de 1942).

Com outros companheiros, Carlos Pereira Sylla, José Willensen Júnior, Mário Neves, Valois Souto e Nello Crocchi, foi Diretor e Incorporador da Cia. Nacional de Ferro-Ligas, que alimentou o mercado doméstico de ferro-ligas e ferro-manganês aliviando de importação, dest'arte, a balança comercial exterior.

Estudou com José de Magalhães Pinto, atual Banqueiro e Senador, e adquiriu as propriedades da viúva D. Alice Wigg; e com SERVIENGE, seus Diretores, Paulo Auler e outros amigos, e fundou-se, dest'arte, a Usina Wigg S/A.

Foi o primeiro Presidente da Açominas S/A, estudada pelo Engenheiro Paulo José de Lima Vieira, com a Assistência técnica do Engº Athos de Lemos Rache, Tecnometal e outros, como Usina do Paraopeba, no Governo Estadual Magalhães Pinto; e fundada no Governo Israel Pinheiro, para implantação em Igarapé, a 30 km de Belo Horizonte, junto ao Rio Paraopeba, sendo a Diretoria constituída de Amyntas Jacques de Moraes, presidente, Mário Renó, Márcio Drumond e W.P. Coronha, diretores.

A Cia. Aços Especiais Itabira-ACESITA, incorporou-a Amyntas Jacques de Moraes, Percival Farquhar e Athos Lemos Rache, Diretores, onde atuou como Presidente mais tarde. Eminentes brasileiros foram acionistas de fundação, dentre eles: Dr. João Vieira de Macedo, seu primeiro Presidente, Luciano Jacques de Moraes, Diretor, Manoel Thomaz de Carvalho Brito, Alderico Rodrigues de Paula, Ribeiro Junqueira, Genaro Vidal Leite Ribeiro, Benjamim Ferreira Guimarães, Antônio Mourão Guimarães, José Jacques de Moraes, José Theodoro da Silva, Alberto Woods Soares, Antônio Faria Ribeiro, Cel. Fran-

cisco Moreira, Clemente Faria, Altivo Drumond de Andrade, Mauro Alvarenga, Porthos de Lemos Rache, Joaquim Lage, Acrísio Alvarenga, e muitos outros brasileiros altamente qualificados. Atualmente, Amynthas Jacques de Moraes é Presidente do Conselho Fiscal da mesma ACESITA.

Amynthas Jacques de Moraes, baseado na aquisição em New York City, dos direitos de preferência da Brazilian Iron & Steel Co., detentora das terras de um importante grupo de jazidas de minério de Itabira, de outro em Morro Agudo, perto de Montlevade e do de Alegria, nas fraldas da Serra do Caraça, próximo a Mariana, Minas Gerais, obteve a Concessão de Lavra do grupo das minas de Itabira; ficou, pela Brazilian Iron & Steel, obrigado a ser interveniente na transferência das propriedades acima fora de Itabira.

Mais tarde, Amynthas Jacques de Moraes doou à ACESITA a concessão sua das minas de Itabira, como consta de escritura pública, lavrada no Cartório do 20º Ofício de Notas, em 1º de março de 1945, no Rio de Janeiro, e decretos Nºs. 15.644, de 24 de maio de 1944, e 15.645, de mesma data, retificados pelos decretos Nºs. 19.709 e 19.708, de 03 de outubro de 1945, e averbados.

Anos depois, compareceu, também, ao ato de transferência, por escritura pública, dos grupos de Morro Agudo e Alegria, para a Cia. Siderúrgica Belgo Mineira.

As minas de Alegria vieram a ser base da SAMITRI, então subsidiária da Cia. Siderúrgica Belgo Mineira.

Fundador da Companhia Materiais Sulfurosos Matsulfur, da qual assumiu a Presidência, com o objetivo de usar a matéria prima, gipso (gipsita), de Pernambuco em forno rotativo para, de um só complexo, retirar o cimento e o ácido sulfúrico, técnica já corrente na Inglaterra.

Depois de colher na Inglaterra, pessoalmente, as bases do projeto, foi este então exposto à SUDENE, - quando Superintendente Celso Furtado - que se mostrara sem condições para tomar decisão; transferiu-se, então, ainda com base na participação da SERVIENGE, a Sede da MATSULFUR para Montes Claros, MG, já então território da SUDENE; introduziram-se as alterações necessárias no seu Estatuto e aumentou-se o capital social; na mesma ocasião entraram para a diretoria o Engº Alberto Luiz Gonçalves Soares (atual

diretor-presidente da empresa) e outros elementos de destaque do GRUPO SERVIENCE.

Apresentou novamente, o projeto para a simples fábrica de Cimento Portland, de cuja aprovação resultou a FÁBRICA DE CIMENTO MONTES CLAROS, e, em boa hora, acertada com a decidida aprovação da SUDENE e cooperação das demais autoridades governamentais envolvidas.

Diretor da Companhia Real de Comércio Exterior, a convite especial e honroso do Dr. Aloysio de Andrade Faria, Presidente do Grupo Real.

Empreendeu viagens de estudo e de negócios à Europa e aos Estados Unidos.

Proferiu conferência sobre Metais Não-Ferrosos na Escola Superior de Guerra, apreciando a situação brasileira minero-metalúrgica, atualizada em 1958.

Participou, como homem de empresa privada, dos dois únicos e famosos Congressos Mundiais de Metalurgia, nos Estados Unidos. As viagens de estudo e de negócio ao estrangeiro, como estas, sempre preferiu as custear por si mesmo.

É membro do Clube de Engenharia e da Sociedade Mineira de Engenheiros (sócio fundador). Faz parte do Iate Clube do Rio de Janeiro, do Jockey Clube do Rio de Janeiro, do Clube Comercial do Rio de Janeiro, do Rotary Clube do Rio de Janeiro e da ADECIF.

NOTA: Os decretos nºs. 15.644 e 15.645, de 24 de maio de 1944, foram publicados no Diário Oficial de 27 de maio de 1944.

Preferi não relacionar aqui os serviços realizados por mim antes e depois da minha estada na SERVIENCE.

Não constam, também, desta relação, os serviços e contratos realizados direta ou indiretamente pela SERVIENCE.


15-agosto-1977

Faleceu no Rio de Janeiro aos 04 de setembro de 1977

PALAVRAS DO GOVERNADOR AURELIANO CHAVES POR OCASIÃO DA
OUTORGA DO TÍTULO "EMPRESÁRIO PIONEIRO DO ANO", CONCEDI
DO PELA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE MINAS GERAIS AO ENGENHEI
RO AMYNTHAS JACQUES DE MORAES

"Por mais que se repitam no tempo, há sempre uma nota de singular e significativa beleza em cerimônia como esta. Tem sido feliz a Associação Comercial de Minas nesta promoção, que visa mostrar a Minas e ao Brasil aqueles que, no setor empresarial, deram mais de si, não apenas em benefício de si mesmos, mas em benefício da coletividade como um todo.

" Este ano, entre as inúmeras figuras a qui justamente premiadas, há que se destacar, sem nenhum favor, primeiramente a figura de um engenheiro ilustre, cotemporâneo, do amanhã, que. ao longo de sua vida não apenas foi capaz de mostrar ser capaz na especificidade da sua profissão, mas que foi mais além. Viu Minas e o Brasil com a visão de quem tem fé nos destinos desta pátria, que Deus fez grande e que nós, brasileiros, temos o dever de fazer maior: AMYNTHAS JACQUES DE MORAES.

Antônio Aureliano Chaves de Mendonça

15.7.77

13 SET 1977

Amynthas Jacques de Moraes

Pedro Maciel VIDIGAL

Seu grande nome rompeu as fronteiras de Minas Gerais e conseguiu no Brasil inteiro um acolhimento de admiração e de simpatia.

Seu caráter de homem de bem granjeou-lhe boa fama. Desde jovem, nele campearam os bons costumes.

Pelo nascimento, estava vinculado a famílias bem qualificadas, que construíram a sua grandeza e elevaram o seu nome à custa de incansáveis trabalhos. Famílias que sabiam ser este o primeiro mandamento saído da própria boca de Deus: «Tu honrarás o teu pai no suor do teu rosto». E que foram certos em vergontear-se que se desenvolveram e distinguiram-se na ciência e na técnica, na lavoura e na pecuária e em muitos outros setores de honrosas atividades.

Para ele, as vantagens do berço, com que nos engana a vaidade, não passam de um adorno exterior e estranho à nossa verdadeira personalidade. O valor do homem está nas excelentes qualidades, que lhe são próprias.

Católico, na prática da religião encontrou o seu apoio, o seu centro, a sua alegria. Orava com o coração. O que interessa ao Pai do Céu é o que o homem lhe quer dizer no fundo da sua consciência. Não se cessa de orar se não se cessa de fazer o bem. Ora-se melhor pelo coração e pelas boas obras do que pela boca. De Santo Agostinho, a observação: «As boas obras são saltérios que cantam a glória de Deus».

Como raro, ele soube praticar a religião da bondade para com o próximo. Bondade de benevolência e de beneficência, ao mesmo tempo. Sentia o mal alheio como próprio. Não negava coisa alguma de conceder-se. Experimentava a dor de causar prazer a todos. Gostava mesmo de promover a felicidade dos outros. Semeava sem contar as sementes. Sabia fazer o dom do seu coração. Com seus bons conselhos, iluminou os caminhos de muitos jovens. E com seus oportunos auxílios, fez com que muita gente saísse vitoriosa na luta pela vida. Agradava-lhe a ciência. Não se

comprazia em receber fosse o que fosse, dos beneficiados por sua generosidade.

Fazendo favores, nada pedia, como resposta à sua delicadeza. Bastava-lhe a íntima satisfação de ter sido útil a quem se encontrava em estado de necessidade.

Quanto mais crescia em bondade, menos semelhantes ele tinha.

Um modelo de discrição e de reserva, era grave, sem dureza, sem rigidez. De pouca conversa, lhe agradava mais ouvir do que falar. Quando falava, tinha recato na boca. Em poucas palavras, emitia pensamentos de grande valor e de profunda ressonância. Dizia o que era certo, no momento oportuno. Mas, quando escutava, a maldade e a vulgaridade e a sordidez da imaginação, do pensamento e da linguagem lhe causavam repugnância.

Tinha o conhecimento próprio. Conhecia a si mesmo. Por isso não era orgulhoso. Não suspirava pelo que era inatingível. Nunca pôs a mira no que lhe era superior aos méritos. Nunca lhe apeteceu o que lhe era impossível conseguir. Não deixava o seu desejo ficar de rédeas soltas.

Conhecer-se o homem, examinar e ver dentro de si a razão ou a sem-razão de seus apetites e desejos para reprimi-los ou reafirmá-los e regular com discreta moderação as suas ações, é sem dúvida a ciência mais necessária e um dos maiores bens da vida humana.

Sem nunca se contradizer, sem nunca se desmentir, com a sólida coerência que lhe era um dos traços marcantes da fisionomia moral, ele podia repetir aquelas palavras de Deus a Moisés: «Sou o que sou». Ou aquelas outras do inglês que não queria ser mais do que era: «I am born so».

Era um homem simples. A simplicidade de vida sempre foi a forma de vida mais digna de ser vivida. Nele, não havia a soberba, aquele apetite de perversa grandeza, aquele amor da própria excelência. Sabia que ele é a raiz de todos os males e a mãe e raiz de todos os vi-

cios pela superioridade que tem sobre todos.

Inchado de júbilo valdade e supervalorizando-se demais da conta, o soberbo procura obter de qualquer jeito o que não pode conseguir.

Primeiro presidente da Açominas, durante alguns anos, Amynthas aceitou o cargo com a condição de não receber um centavo, ao menos, pelos serviços a ela prestados, que foram grandes e muitos.

Como industrial, suas atividades foram tantas e tamanhas, que a sua história se confunde com a história da indústria nacional. Ele ajudou a gestação do novo Brasil, que já está entre as potências emergentes.

Mas a maior e a melhor de todas suas boas obras, sua obra-prima, construída num plano muito mais elevado que as outras, é a sua família.

Com sua dilectíssima esposa, dona Albertina Soares de Moraes, mulher forte, corajosa e fiel, a dedicada companheira de todos os seus dias, o eco da sua consciência, a incomparável auxiliar de todos os seus trabalhos, o seu conselho, o seu repouso e a sua auro-la, ele fundou e presidiu um lar em que todas as virtudes domésticas e sociais, cívicas e religiosas estão frutificando nos seus filhos e florindo nos seus netos para glória de seu nome, que haverá de durar para sempre, pois não será condenado ao esquecimento.

O que ele quer, antes de tudo e acima de tudo, é subir. Subir mais. Sempre mais. Os seus pés não se aquietam em lugar algum por mais alto que seja.

Cultivava a modéstia, virtude que retém no ânimo a moderação de todos os desejos. Ela presidia todas as suas ações de tal modo que não passavam a excesso nem chegavam a ter defeito.

Recusava as honras e dignidades. Quem as foge, melhor as merece.

Neste mundo em que muitos vivem dominados pela ambição, nsda encontrando para mais amar e admirar que eles mesmos; são capazes de tudo, menos de abnegação verdadeira; e vivem na sede devoradora de apoteose, somente suportando a sua volta adoradores e locais, homens como

Amynthas são honrosas exceções.

Com a responsabilidade do talento, que lhe foi confiado, trabalhava porque o trabalho lhe desenvolvia as forças, principalmente as do espírito, as de sua extraordinária inteligência.

Nunca lhe faltou o trabalho. Não conheceu os dias macios das férias bem gozadas nas alegrias dos divertimentos. Trabalhava incansavelmente. Como aqueles bons servidores da parábola evangélica, não escondeu, no fundo da terra, a moeda com que a vida o aquinhoara. Tomou-a nas mãos. Mirou-a. Remirou-a. E fê-la multiplicar-se.

Não sabia o que fazer da felicidade se ela não lhe oferecesse novos trabalhos a realizar e novos obstáculos a transpor. Para ele, nada estava feito enquanto faltasse alguma coisa por fazer.

Se em trabalhar consistia a sua vida, crescer foi a sua recompensa.

Nas empresas em que se meteu, sempre foi feliz, porque a prudência lhe aconselhava pesar primeiro, com a balança da razão, as dificuldades e medir as forças com o risco. Pois se o peso é mais poderoso que quem o leva, oprime. E não proporcionar a empresa com o esforço é precipitada temeridade.

Homem idealista e prático, ao mesmo tempo cheio de otimismo, concebia projetos grandiosos e executava-os todos.

Poucos o excederam no trabalho de cada dia a favor do crescimento econômico do Brasil, que ele amou e bem serviu como raros. A prova do que acabo de afirmar está nas empresas que ele fundou com homens iguais a ele: Alberto Woods Soares, Antônio Faria Ribeiro, os irmãos Lemos Rache, etc.. E presidiu com notável competência. Permite-me citar, entre elas: Companhia Serviços de Engenharia, Companhia Niquel Tocantins, Companhia Mineira de Metais, Companhia Itabira de Mineração, Minas Pastorel, Usinas Wigg, Companhia Melhoramentos Ferroviários, Companhia Materiais Sulfurosos — Matsulfur (Cimento Montes Claros), Companhia Aços Especiais Itabira — Acesa etc....

Amyntas Jacques de Moraes o missionário eficiente dos grandes empreendimentos

(Lamartine Godoy)



Amyntas Jacques foi um dos poucos de sua época que alteraram o dimensionamento empresarial do Brasil, fixando normas e princípios que traduziram excelentes resultados na economia nacional.

Modesto, sereno, porém seu olhar vislumbrava grandes horizontes, ajustando o compasso industrial da nacionalidade, aos objetivos estruturados com firmeza e determinação.

Por volta de 1944, ainda no ginásio, tive a felicidade de conhecê-lo, por meio de meu tio Romeu Godoy, diretor proprietário da Revista Mineira de Engenharia, eficaz órgão técnico de informação que impulsionava as iniciativas industriais da época.

Mário Werneck, Francisco Brandão, Manoel Pimentel Godoy, Lenôidas Damásio, Vicente Assumpção e Epaminondas Lage eram de minha convivência diurna, com os quais saciava minha intensa curiosidade tecnológica.

Foi talvez esse nefelibatismo mecanicista que me levou mais tarde a enfrentar o desafio da organização da Escola de Engenharia Kennedy, hoje amplamente vitoriosa.

Minha convivência com esse notável mineiro de Marliéria se tornou um idílio que perdurou por toda a sua laboriosa existência.

Ainda estudante de engenharia, colaborou intensamente na construção do açude Orós e muitas outras obras de importância. Desde cedo revelou-se apto a atividades de grande porte, prevendo o panorama continental do país e seu real posicionamento industrial.

Acesita foi idealizada e executada com tenacidade inquebrantável. Construída no vórtice da Segunda Guerra Mundial, enfrentou obstáculos desafiadores. Paciente como um chinês, absorvia as dificuldades como se fossem brincadeiras. Aliás, Horácio já recomendava nas coisas difíceis, recorda que deves conservar fria a cabeça.

Seria um ato de justiça que seu nome passasse a figurar no pórtico daquela cidade. Afinal, Acesita é fruto específico da siderurgia feita por Amyntas.

Em 1954, parece-me, quando a primeira comitiva de japoneses visitou a região, todos eles acostumados a edificar em limitados espaços geográficos, levantaram a idéia de aproveitar uma faixa de terra disponível e contígua aos laminadores da Acesita para a construção da Usiminas. Amyntas, que se achava presente, protestou com veemência: "Não precisamos de japoneses para construir usina neste local. Nosso plano é bem mais ambicioso. Desejamos uma siderurgia de grande porte para suprir nosso mercado". Assim, morreu a idéia dos japoneses e fez-se a Usiminas no local previsto por Dr. Amyntas.

Também a Companhia Vale do Rio Doce recebeu apoio e incentivo de sua poderosa inteligência operacional e criativa. Seu relacionamento internacional facilitou amplamente o fluxo de investimentos nas áreas onde nossas necessidades produtivas eram mais carentes.

Dai o salto prodigioso do industrialismo atual, fruto de iniciativas ajustadas e bem conduzidas.

A fábrica de cimento em Montes Claros, Matsulfur, outro pólo expressivo que sustenta a demanda interna e enriquece a arca fiscal de Minas e eleva o poder de mercado de mão de obra, é mais uma iniciativa arrojada do incansável lidador.

O espírito criador de Amyntas não se detinha na faixa industrial. Dotado de singular cultura humanística e de alta sensibilidade religiosa, abrihantava suas conversações revelando vastos conhecimentos da vida dos grandes santos, filósofos e pensadores.

Caráter nobre, em jactância, a estética de vida marcava-lhe a personalidade. Certa feita Assis Chateaubriand confidenciou-me: Amyntas Jacques é um lord de elegância e delicadeza. Sua postura ajusta-se melhor aos salões britânicos.

O lar, envolvido em ternura e bondade, deu-lhe sustentação criadora. Albertina, companheira de ricas qualidades, adornava e administrava, guiava e previa. As reuniões de família fulguravam um panorama de amenidade e acolhimento. Não havia os conflitos menores que enfeiam a convivência doméstica. Um clima de saudável harmonia vicejava puro e benfazejo. Sua casa era alento e estímulo para os amigos que tiveram a ventura de frequentá-la.

A natureza tímida afastava-o às vezes das turras políticas, cujo tropel não lhe agradava.

Empresário, estadista, técnico consumado, místico, sabia conduzir-se em gestos de inigualável afirmação. Havia um processo harmonioso e bem ajustado em sua atitude que delinham pontos de singular beleza.

Seu desenlace foi quase musical. Não dos acordes chelos de tumultos wagnerianos, mas a placidez amena das tocatas e fugas bachianas.

Quando o levamos ao túmulo, familiares, empresários homens de negócio, velhos companheiros de jornada, jornalistas e diplomatas, o céu entristeceu-se e, junto com as lágrimas dos seres, caíram gotas de chuva, em solidariedade aos que choravam.

Então o Criador acolheu em seus braços o filho diletos que não descurou do dever familiar, pois criou filhos úteis e bem preparados; do dever cívico, pois trabalhou em toda a existência pela Pátria; do dever de cristão puro, pois sua vida foi um testemunho de beleza cristã.

Passado alguns dias, trafegava eu pelas margens do Piracicaba com destino a Belo Horizonte, já alta madrugada.

A feérica iluminação do pátio industrial da Acesita, mais as fagulhas dos altos fornos e acearias, o lufa-lufa dos laminadores, o tilintar das forjarias, forradas por um brilho das estrelas incomum, transportaram-me ao plano cósmico e lá se achava o espírito envolvido em cintilante fulgor que assistia ao espetáculo decorrente de sua própria operosidade.

ARTIGO PUBLICADO NA REVISTA
"VIDA INDUSTRIAL", ORGÃO OFI-
CIAL DA FEDERAÇÃO DAS INDUS-
TRIAS DO ESTADO DE MINAS GE-
RAIS.

DEZEMBRO 1977

Amynthas Jacques de Moraes, pioneiro do desenvolvimento



O engenheiro Amynthas Jacques de Moraes foi o primeiro presidente da Açominas

A Estrada de Ferro Vitória-Minas fora implantada com o auxílio de empréstimos a longo prazo de banqueiros franceses, que receberam, em garantia, debêntures conversíveis em ações. Certo dia, no início da década de 40, a direção da Estrada de Ferro recebe uma notificação judicial, comunicando que, de acordo com cláusula contratual, as debêntures seriam transformadas em ações e, conseqüentemente, assumiriam os franceses o controle da EFVM.

Isto porque dentro de quatro dias estaria esgotado o prazo para a Estrada de Ferro iniciar a ligação Desembargador Drummond-Itabira, em Minas Gerais. Os diretores e principais funcionários estavam nos escritórios, atarefados com a desocupação das mesas para entregar os cargos aos novos donos, quando entrou Amynthas Jacques de Moraes, vindo de uma de suas numerosas viagens pelo País.

Informado do que ocorria, convocou os companheiros e mostrou que a solução seria iniciarem, nas 96 horas restantes, a ligação ferroviária exigida no contrato. Todos se entreolharam sem compreender, pois, além do anteprojeto topográfico da Estrada, tudo o mais estava por fazer. Mas ele os convenceu de que valia a pena enfrentar o desafio.

O fato é que, numa luta titânica contra o tempo e as dificuldades da época, antes de se completarem as 96 horas, os jornais do Rio noticiavam que, com a presença do representante do Ministro de Viação e Obras Públicas e de autoridades estaduais e municipais, a Estrada de Ferro Vitória-Minas começara a construção do ramal de Itabira. A construção não parou mais e hoje, 40 anos depois, ostenta a ferrovia a liderança mundial no transporte de minério de ferro.

A vida e a obra

Amynthas Jacques de Moraes era um homem de coragem e que gostava de enfrentar desafios. Nasceu em 1898, em São José do Gramma — hoje Jaguaráçu, pequena vila situada no Vale do Rio Doce, próximo de onde se erguem os altos fornos da Acesita e Usiminas. Órfão aos treze anos de idade, cedo teve que abrir sozinho seus caminhos na vida. Para custear os estudos em Ouro Preto dava aulas particulares, que não eram suficientes para mantê-lo, obrigando-o a trabalhar em topografia. Teve, por isso, que continuar os estudos em Belo Horizonte para formar-se em Engenharia na Politécnica do Rio, em 1927, já casado e com dois filhos. De 1927 até sua morte — 50 anos depois — não mais descansou, pois, como dizia, "para descansar teria toda a eternidade".

Percorreu o Brasil inteiro, deixando em toda parte a marca de sua presença e do seu espírito de iniciativa. Assim, em Goiás dinamizou a exploração do níquel de São José do Tocantins — hoje Niquelândia e, também, a Companhia de Cimento Brasília — atual Companhia de Cimento Rio Branco, desde a aquisição das jazidas até a localização de suas instalações industriais.

Em Minas Gerais, coordenou a mobilização e/ou a instalação das seguintes empresas: Companhia Brasilei-